



O SIGNIFICADO DE HASTEAR A BANDEIRA E CANTAR O HINO NACIONAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE HOJE

THE SIGNIFICANCE OF FLYING THE FLAG AND SING THE NATIONAL ANTHEM IN PUBLIC SCHOOLS TODAY

Maria Cristina Floriano Bigeli¹
Cesar Augusto dos Santos²

RESUMO: Este artigo pretende analisar a importância do ato de hastear a bandeira e de cantar o hino nacional dentro das escolas de ensino público do estado de São Paulo nos dias de hoje. Para que a análise e a comparação sejam possíveis, utilizaremos o depoimento de um professor de História do Brasil, o qual trabalha na rede pública há oito anos e leciona em uma escola da cidade de Botucatu que realiza esse ato cívico, e de um aluno do primeiro ano do Ensino Médio que estuda em outra escola de Botucatu que também pratica esse ato. Além da análise, pretendemos discutir a importância desta prática nas escolas, o que ela significa para os professores e para os alunos, se o seu significado é discutido no ambiente escolar, se o aluno tem consciência do porquê do hasteamento da bandeira e do canto do hino e, por fim, sabermos se ele vê isso como símbolo da identidade brasileira e do nacionalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Hino nacional; Bandeira; Ideologia; Símbolo nacional; Nacionalismo.

ABSTRACT: This article intends to analyse the importance of the act to display the flag and to sing the national anthem in public schools in São Paulo state today. For analysis and comparison are possible, we will use the testimony for a History of Brazil professor, which has worked in public education for eight years and teaches at a school in Botucatu that performs the civic act, and we will listen a secondary school student also from Botucatu, that accomplish this act too. Moreover, we will intent argue about the importance of this practice in the schools, what it means for the teachers and the students, if its meaning is discussed in school, if the student knows why the flag raising and the why the singing of the anthen and, finally, we know if he sees this as a symbol of Brazilian identity and nationalism.

KEYWORDS: National anthen; Flag; Ideology; National symbol; Nationalism.

INTRODUÇÃO

O nacionalismo é a expressão ideológica da nação, é o conjunto de valores e crenças através dos quais a comunidade nacional se autodefine, distingue-se das demais e afirma interesses comuns. O nacionalismo é uma ideologia.

Para Bobbio, Mattenci e Pasquino

[...] tanto na linguagem prática, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à

¹ Maria Cristina Floriano Bigeli; crisbigeli@gmail.com

² Cesar Augusto dos Santos; cesitopia@hotmail.com



ideologia pela frequência com a qual é empregada e, sobretudo, pela gama de significados diferentes que lhe são atribuídos. (2000, p. 585)

O termo “ideologia” surgiu no século XIX e, segundo Chauí

[...] aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Destutt de Tracy, **Elements d'idéologie** (Elementos de ideologia). Juntamente com o médico Cabanis, com De Gérando e Volney, Destutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo com o meio ambiente. (1984, p. 22, *grifo nosso*)

O termo ideologia passou a ser usado na esfera política por Karl Marx, pois "... [ele] retoma o termo, ele lhe confere, desde as suas obras da juventude, um sentido totalmente distinto. A ideologia é, aí, um sistema de idéias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social" (ALTHUSSER, 2003, p. 81).

Para Aranha e Martins (1984, p. 38), a ideologia tem como características: (1) uma “naturalização” na qual são consideradas naturais situações que, na verdade, são produtos da ação humana, portanto históricos e não naturais. A ideologia não se constitui de mentiras premeditadas com que as pessoas da classe dominante subjugam as da classe dominada. Nem mesmo as pessoas das classes dominantes estão imunes aos efeitos da ideologia, uma vez que para elas o fato de usufruírem de seus privilégios parece ser coisa natural. Ocorre, ainda, (2) uma “universalização” dos valores da classe dominante que são estendidos à classe dominada. Essa universalização das idéias e dos valores da classe dominante resulta de (3) uma “abstração”, pois as representações ideológicas referem-se ao “aparecer social” e não ao concreto. A idéia de uma sociedade “una” e “harmônica” é uma “abstração” porque não contempla a divisão de classes e os diferentes interesses existentes nas relações sociais. Tanto a universalização quanto a abstração supõem (4) uma “lacuna”, isto é, o ocultamento de algo que não pode ser explicado sem que se desmascare a própria ideologia. Portanto, é a partir de então que a função da ideologia é entendida como algo que pretende ocultar a realidade da origem dos conflitos e classes sociais, além de dissimular os verdadeiros interesses das classes dominantes e opressoras, e de legitimar a idéia de que as diferenças de classes são frutos de um processo natural, fundamentado no respeito à individualidade, ao esforço à habilidade das pessoas.

A ideologia é também um conceito fundamental nos trabalhos de Mikhail Bakhtin. As questões acerca dela estão abordadas no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, no qual inicia escrevendo sobre as ligações estreitas entre a teoria marxista da criação ideológica e os problemas da filosofia da linguagem.



Bakhtin também refere-se a um produto ideológico como um produto que “faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico [...] ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo” (1995, p. 31).

Atualmente, todos os estados do mundo, pelo menos oficialmente, são nações. Porém, hoje ser nacionalista, diferentemente do que foi nos séculos XVIII e XIX, não é a principal forma de desenvolvimento da história do país. Isso não significa que ser nacionalista, hoje, queira dizer que se é menos nacionalista do que outrora. O que acontece, segundo Hobsbawm (1990, p. 214), “é uma importância menor do nacionalismo perante a história”.

O nacionalismo no século XXI, que pode ser chamado de “nacionalismo moderno”, adota um caráter amplo de nação. “Existe uma nação brasileira porque os brasileiros assim se autodefinem, embora aqui não exista uma única étnica (etnia?), mas multiplicidade e miscigenação” (PEREIRA, 2000, p. 39). Contudo, a palavra nacionalismo também pode ter significado pejorativo, quando indica uma ideologia anti-estrangeira de caráter autoritário ou fundamentalista.

As bandeiras que identificam as nações têm um significado profundo para os povos que a adotaram. O ato de hastear a bandeira de um país que tenha vencido uma competição, acompanhado da execução do hino nacional desperta fortes sentimentos, sejam nacionalistas ou não. E não existe ofensa maior que rasgar, queimar ou se apropriar da bandeira de um país inimigo ou adversário.

De maneira geral, as bandeiras nacionais são criadas em momentos históricos que tenham mobilizado uma sociedade (ou parte dela) em torno de um grande objetivo político, como quando um país consegue sua independência política ou, então, quando ocorrem mudanças de regimes ou de governos.

A bandeira é também um símbolo, um símbolo ideológico, se pensarmos no conceito de Mikhail Bakhtin, que possui em seu interior muitos outros símbolos, todos eles impregnados de significados. Um dos mais comuns é a estrela presente em bandeiras como as da China, do Iraque, dos Estados Unidos e do Brasil. De imediato, a estrela de Davi identifica Israel. No caso da bandeira brasileira, as estrelas representam os estados e o Distrito Federal.

Desde o Descobrimento, o Brasil já teve 12 bandeiras oficiais, mas dessas, apenas três foram criadas após o país tornar-se independente. A bandeira atual foi idealizada por Raimundo Teixeira



Mendes e Miguel Lemos e hasteada às 12 horas do dia 19 de novembro de 1889, data que passou a ser o Dia da Bandeira. Esta bandeira seguiu, parcialmente, o modelo da Bandeira Imperial, substituindo o símbolo da Coroa pela esfera azul-celeste na qual está contida a frase “Ordem e Progresso” e 21 estrelas representando cada um dos Estados e o Distrito Federal existentes na data. Com as modificações político-administrativas ocorridas, atualmente o número de estrelas é de 27. Em sua versão original, a disposição das estrelas na bandeira representava o céu do Rio de Janeiro exatamente às 20h30 do dia 15 de novembro de 1889.

Aprofundando e retificando as informações acima mencionadas e de domínio público, encontramos em Lacombe e Calmon, que

o Professor Manuel Pereira Reis, catedrático de astronomia, deu às estrelas a projeção desejada. Não existe identificação oficial das estrelas com os Estados. A transcrição conhecida é interpretação do General Polli Coelho, de rara felicidade. A comissão designada para estudar a nova Bandeira do Brasil, composta por Benjamim Constant, Quintino Bocaiúva, Demétrio Ribeiro, Couto Magalhães, Rui Barbosa, Lucena, e outros, fez questão de dar ênfase ao Cruzeiro do Sul. O lema ORDEM E PROGRESSO, inscrito em verde na zona branca, foi resumido por Miguel Lemos. Segundo Augusto Comte, significa ‘o Amor por Princípio, a Ordem por Base e o Progresso por Fim’. A primeira Bandeira Nacional [...] foi bordada por Dona Flora Simas de Carvalho, em pano de algodão em solenidade na Câmara do Rio de Janeiro. (1989, p. 19)

O hino nacional é uma junção da obra musical de Francisco Manoel da Silva (1795-1865) e da obra poética de Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1926), e nasceu durante o calor das agitações populares, em um dos momentos mais dramáticos de nossa história, quando a independência do Brasil vacilava em razão dos desmandos autoritários do mesmo soberano que a proclamara.

Hino é a composição poética e musical em honra de algum fato histórico ou acontecimento. Assim, temos hinos em honra de heróis, de um partido, de um clube, ainda mais, em honra de uma nação. Focalizando dessa maneira, entendemos que o hino, em sua tessitura, diz da história e dos fatos da nação, sendo, portanto, a voz que proclama suas características quer por seus feitos e glórias, quer por suas peculiaridades geopolítico-sociais e históricas. O Hino Nacional Brasileiro está realmente dentro desta concepção. (LACOMBE; CALMON, 1989, p. 26).

Para comemorar a abdicação de D. Pedro I, forçada pelo clamor dos patriotas, Francisco Manoel da Silva refez o hino que criara originalmente, em 1822, para saudar a emancipação política, transformando-se num grito de rebeldia da Pátria livre contra a tutela portuguesa. Segundo Lacombe e



Calmon (1989, p.26), “por ocasião da abdicação, em 1831, o povo já o cantava nas ruas, adotando-o espontaneamente, a partir de então, como Hino Nacional Brasileiro”.

Durante quase um século o Hino Nacional Brasileiro foi executado sem ter uma letra oficial. Mesmo com muitas tentativas, não conseguiam oficializar uma letra. Os versos não eram bons: os primeiros, carregados de ressentimentos, insultavam os portugueses; os outros pecavam pelas bajulações ao soberano reinante. Assim, a composição de Francisco Manuel da Silva - uma marcha destinada à consagração do hino - apenas em 1909 recebeu uma letra definitiva. E, somente em 1922, finalmente completa, foi oficializada como Hino Nacional Brasileiro.

“Símbolo sonoro da Pátria e, como tal, tem suas versões musicais, sua execução e sua apresentação regulamentadas em lei, [o hino nacional] foi oficializado em 1890 por determinação do Governo Provisório da República, através do Decreto nº 171, de 20-01-1890” (LACOMBE; CALMON, 1989, p.26). Assim, ele é executado em continência à Bandeira, ao presidente da República, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, assim como em outros casos determinados pelos regulamentos de continência ou cortesia internacional. Sua execução é permitida ainda na abertura de sessões cívicas, nas cerimônias religiosas de caráter patriótico e antes de eventos esportivos internacionais.

Tanto o hasteamento da bandeira quanto o canto do hino nacional nas escolas tornaram-se obrigatórios com a Ditadura Militar de 1964. Esses símbolos eram usados como instrumentos de controle político e ideológico. A partir de 1984, esses dois atos tornaram-se optativos, portanto, somente algumas escolas estaduais e municipais ainda o praticam, porém, um fato a ser levado em consideração é de que a letra do hino nacional figura na contra capa de todos os livros didáticos da rede pública.

DESENVOLVIMENTO

Para a execução da pesquisa desse artigo, entrevistamos alguns professores e alunos de escolas da rede pública do estado de São Paulo. Para a conclusão, escolhemos somente um depoimento de professor e um de aluno, a fim de tomar esses dois depoimentos como uma representação dos outros, já que as respostas foram muito semelhantes. Com essas entrevistas, construímos as conclusões abaixo.



Nas escolas em que visitamos, os alunos estão habituados a ver a bandeira do Brasil hasteada e sendo hasteada, mas poucos a relacionam à amplitude de um símbolo nacional. Para muitos alunos, a bandeira é mais relacionada à Seleção Brasileira de Futebol do que ao Brasil como nação.

Ao perguntarmos aos alunos qual a importância do hasteamento da bandeira, muitos deles não souberam o quê responder e quanto ao questionamento sobre cantar o hino, a maioria sabia a letra, porque, segundo um aluno do 1º ano do Ensino Médio, “uma professora nos obrigou a aprender para conseguirmos tirar nota na prova”. Quando questionado sobre o significado da letra, a resposta dada foi a de que “ela é difícil e eu não consigo entender algumas palavras”. Perguntamos se eles sabiam por que cantam o hino e hasteiam a bandeira na escola e a maioria respondeu negativamente.

Também questionamos os professores a fim de obtermos resultados para os nossos objetivos. Para o professor de História do Brasil, em depoimento por escrito:

“Na escola em que trabalho como professor há o hasteamento da bandeira e cantoria do hino nacional. Ambas as ações são bastiões da cidadania. No entanto, primeiramente, considero uma coisa sem sentido a obrigatoriedade ou semi-obrigatoriedade desse tipo de evento, pois, na maioria das vezes, grande parte dos alunos mal sabe o significado da bandeira e a letra da canção. E mesmo que todos eles conhecessem de cor a letra, esbarrariam em outra dificuldade: a compreensão daquilo que se canta. E ainda que todos compreendessem e soubessem interpretar a letra da canção e o símbolo que é a bandeira, o sentido - sob outro ponto de vista - disso poder-se-ia também ser questionado: o que ambos os símbolos - hino e bandeira - transmitem ou visam transmitir condiz com a realidade do país?

Aí, configura-se a hipocrisia: primeiro no que diz sentido à liberdade. Num país dito livre e democrático como o Brasil, não caberia a obrigatoriedade de cantar o hino ou acompanhar o hasteamento da bandeira. Segundo: e nos demais aspectos, somos realmente cidadãos? Temos o respeito que o cidadão merece ter? Saúde, segurança e educação funcionam como deveriam funcionar? Somos respeitados como consumidores?

E, mais especificamente, tratando do âmbito educacional: o sistema educacional em vigor forma cidadãos, realmente? Cobra dos alunos a responsabilidade suficiente? Atribui-lhes tantos deveres, quanto direitos? E, com base nas respostas dessas últimas perguntas, podem ser feitos mais questionamentos: os alunos respeitam a si próprios, aos colegas, professores e às regras mínimas do convívio saudável?

Penso que as datas cívicas deveriam ser aproveitadas de outra forma, sendo dias de conscientização a respeito da situação - mais triste do que alegre, mais fúnebre do que comemorativa - do País. Isso sim seria um passo maior na formação de



cidadãos. No entanto, infelizmente, ao mesmo tempo e que escrevo e sugiro isso, me vejo fugindo da hipocrisia e caindo na utopia...”

Perguntamos se, durante suas aulas, há discussão sobre os assuntos tratados neste trabalho, e o professor disse que já muito tentou discutir, porém, os alunos não se interessam. *“São poucos os que se interessaram pelas discussões, e, além do mais, precisei continuar as outras aulas”*.

Diante disso, podemos concluir que a bandeira hasteada ou o canto do hino nas escolas não tem grande importância e significado para professores e alunos. Os professores, representado por este que nos prestou o depoimento, precisam agilizar as aulas e conseguirem terminar a tempo o que é proposto pelas Propostas Pedagógicas da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado de São Paulo (popularmente conhecidas como “caderninhos”). Não podem perder tempo com discussões que não geram interesse aos alunos. Estes, por sua vez, não se interessam pelo símbolo da bandeira como representação do nacionalismo e, sim, como representação de um time de futebol (o que, ironicamente (?) não deixa de ser um símbolo do Brasil, mas já que o que nos interessa neste trabalho é a bandeira propriamente dita...). O hino nacional, que todos deveriam saber o significado, é apenas algo para os alunos decorarem. Eles apenas sabem que é hino do Brasil, mas não se interessam pelo seu significado e nem pelo seu valor histórico.

Neste trabalho tomamos como base apenas alguns depoimentos, o que não quer dizer que todos os alunos e todos os professores da rede pública pensem assim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.



BOBBIO, Norberto; MATTENCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Unb, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, v. 7)

HOBSBAWM, Eric John. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LACOMBE, Américo Jacobina; CALMON, Pedro. **Presidentes da República, símbolos, hinos e canções**. Brasília: CEDIL/ALHAMBRA/MEC/FAE, 1989.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Entre o Globalismo e o Velho Nacionalismo. In RATTNER, Henrique (Org.) **Brasil no limiar do século XXI**: alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.